

La Comédiathèque

QUARENTENA

Jean-Pierre Martinez

Tradução de João Bartolomeu Amorim



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**

<https://comediathèque.net>

Quarentena

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução de João Bartolomeu Amorim

Quatro pessoas que não se conhecem encontram-se, infelizmente em quarentena, no que se revela ser um teatro abandonado. Atrás de um vidro imaginário, os espectadores observam-os. As pessoas supostamente doentes interrogam-se.

Por que vírus poderiam ter sido infectadas, qual é exactamente o seu risco, quando e como é que tudo isto vai acabar? Gradualmente revela-se que este impasse se instala num futuro próximo, no qual o Big Brother reina supremo, e que a razão para esta quarentena talvez não seja estritamente médica.

Personagens

Dom

Pat

Max

Sam/Kim

O género das personagens não será um aspecto relevante, e o aspecto unissexo ou uniforme será uma característica de todas as personagens.

Nesta versão, Dom e Max serão homens, Pat e Sam/Kim são mulheres.

Acto 1

O palco pode permanecer nu, excepto uma ou duas cadeiras. O Dom chega com um ritmo incerto. Usa o tipo de batas (azul, rosa ou verde) que são colocadas nos pacientes no hospital. Ele lança um olhar intrigado à sua volta, antes de descobrir com espanto a presença dos espectadores, e aproxima-se para os observar com um ar desconfortável. Pat, com o mesmo traje, chega atrás dele.

Pat – Bom dia.

Surpreendido, Dom vira-se e vê Pat.

Dom – Assustaste-me...

Pat – Desculpe... Então você também...?

Dom – Sim, eu...

Momento de constrangimento.

Pat – Já não nos tínhamos encontrado antes?

Dom – Penso que estávamos na mesma carruagem.

Pat – Vagão 13, é isso! Não sei se tem algo a ver...

Dom – Com o número 13, quer dizer?

Pat – Com o facto de estarmos ambos aqui! Porque estávamos na mesma carruagem...

Dom – Não sei. A verdade é que não faço ideia porque estamos aqui.

Pat – Nem eu. Não compreendo nada. Quando desci do comboio, dois oficiais pediram-me para os seguir...

Dom – Tem a certeza de que eram agentes da polícia?

Pat – Penso que sim... Eles estavam a usar uma máscara. Uma máscara... como nos hospitais. Colocaram-me numa ambulância e...

Dom – Uma ambulância, tem a certeza? Não, porque se eles fossem polícias...

Pat – Digamos então... uma carrinha.

Dom – Uma carrinha da polícia medicalizada.

Pat – É isso... Eles trouxeram-me até aqui e... disseram-me para esperar. E você?

Dom – A mesma coisa... Por isso, também não lhe disseram nada.

Pat – Disseram-me para esperar.

Dom – Então... não ouviu mais nada?

Pat – Não... *(Pausa)* Penso ter ouvido a palavra quarentena.

Dom – Você...?

Pat – Também ouviu?

Dom – Nem por isso...

Pat – Mas isso é o mais provável, não é?

Dom – Quarentena, sim... Que mais poderia ser?

Pat – Isso explicaria as máscaras.

Dom – Sim... Então, o que fazemos agora?

Pat – Estamos à espera... Foi o que eles nos disseram, não foi? Disseram-nos para esperar.

Pausa

Dom – Quarentena... Se realmente durar quarenta dias... Espero que nos dêem primeiro algumas explicações.

Pat – Dizem quarentena, mas... não é necessariamente assim tão longa. Depende da doença.

Dom – Acha que é uma doença?

Pat – Que mais poderia ser? Se eles nos colocarem em quarentena...

Dom – Sim... deve ser um vírus.

Pat – Muito contagioso, suponho.

Dom – Sim... definitivamente.

Pat – Não estou a sentir nenhum sintoma, pois não?

Dom – Não, eu também não.

Pat – Bem... Isso não significa que não estejamos doentes. Depende do tempo de incubação.

Dom – É médica?

Pat – Computadora.

Dom – Computadora?

Pat – Penso que lhe costumávamos chamar informática.

Dom – OK... Então de vírus, sabe...

Pat – Sim... Além disso, tenho três filhos... E tu?

Dom – Eu não tenho filhos.

Pat – Não, quero dizer... também não é médico.

Dom – Sou um treinador.

Pat – Treinador...

Dom – Costumávamos dizer professor, penso eu. Amanhã diremos domador, talvez.

Pat – Estou a ver...

Dom – Ah, sim? E o que vê?

Pat – Nada, quero dizer... Não sabe mais sobre vírus do que eu...

Pausa.

Dom – E o tempo de incubação depende dos vírus?

Pat – Sim. Por vezes sente-se os primeiros sintomas uma semana após a contaminação. Às vezes menos, outras vezes mais.

Dom – Parece saber muito sobre a propagação de epidemias... para alguém que não é médico.

Pat – Eu disse-lhe, tenho três filhos. Quando um está doente, é raro que os outros dois não o façam alguns dias mais tarde.

Dom – Mas nós não estamos doentes!

Pat – Qualquer pessoa pode ser contagiosa muito antes de estar doente.

Dom – Sim... no caso de ser portador do vírus.

Pat – Daí a quarentena, muito provavelmente... Mas, certamente, eles vão explicar-nos tudo isto?

Dom – Sim, sem dúvida...

O Max chega com a mesma roupa que eles.

Dom – Ah... Quantos mais melhor...

Pat – Talvez ele nos possa dizer algo mais.

Max, um pouco confuso, aproxima-se da audiência.

Dom – Eu não apostaria nisso. Ele parece ser um tipo estranho.

Pat – Bom dia.

Max – Oh, olá... Eu tenho... Eu também acabei de chegar...

Dom – Como sabe que acabámos de chegar aqui?

Max – Desculpe?

Dom – Disseste: Eu também acabei de chegar. Como sabes que acabámos de chegar? Podíamos ter estado aqui durante semanas...

Max – Está aqui há semanas?

Pat – Acabámos de chegar aqui.

Max – Ah... Como eu então... Era isso que eu estava a dizer.

Pat – Sim, eu...

Max – Então... sabe porque estamos aqui?

Dom – Esperávamos que nos dissesse...

Max – Não sei... Apanharam-me quando desci do comboio, sem qualquer explicação. Não tenho o dia todo.

Pat – Nem eu... Os meus três filhos estão à minha espera em casa. Já para não falar do meu marido. E você?

Max – Eu não sou casado. Eu tinha acabado de ir para o sul para ver a minha mãe no hospital.

Dom – Ela também está doente?

Max – Ela partiu a perna.

Pat – Pelo menos isso não é contagioso.

Max – Sim, mas quem vai pagar por isso? Tenho duas obras para terminar antes do fim-de-semana...

Pat – Talvez nos dêem uma compensação. É um artesão?

Max – Eu sou canalizador.

Dom – E pensar que quando se procura um, nunca se encontra um...

Max – Desculpe?

Dom – Não, nada...

Pat – Canalizador... Já ouvi essa palavra antes, mas não sei exactamente o que significa.

Dom – Agora é reparador.

Pat – Ah, sim...

Dom – O senhor é um reparador especializado. Ele repara tubos, canos, torneiras... Canalizador, como costumávamos dizer.

Max – É isso mesmo.

Dom – Então também não sabe porque nos trancaram aqui dentro?

Pat – Porque pensa que estamos fechados?

Dom – Trancado ou não, se está em quarentena, não pode sair, pois não?

Max – Então acha que estamos em quarentena?

Dom – De acordo com a senhora, que é uma grande especialista, somos portadores de um vírus, e somos contagiosos. É por isso que temos estado isolados.

Max – Um vírus? Que vírus?

Pat – Que... é provavelmente um vírus desconhecido. Caso contrário, já haveria vacinas, e não teríamos sido colocados em quarentena.

Max – Bem... Mas porquê nós? Sabe porquê?

Pat – Tivemos de entrar em contacto sem conhecimento de causa com uma pessoa doente. Disse que foi ver a sua mãe ao hospital?

Max – Para uma fractura!

Pat – Sim... mas hospitais... Está cheio de vírus, não está? É notório...

Max – Vai ser culpa minha, agora...

Dom – Não fique chateado, amigo. Ninguém o está a culpar.

Pat – E se ficarmos aqui fechados durante semanas, mais vale sermos solidários.

Max – Porque acha que nos vão manter durante semanas?

Pat – Não sabemos. Por enquanto, não sabemos nada.

Pausa

Max – E você está bem?

Pat – Estou bem... Prefiro ir para casa, encontrar o meu marido e os meus filhos, mas...

Max – Não, mas ninguém se preocupa com isso. Quero dizer... Sente-se doente?

Pat – De momento, não.

Max – E quanto a si?

Dom – Estou bem. Mas... obrigado por se preocupar com a minha saúde.

Max – Nem eu, estou... estou em grande forma.

Dom – Muito bem... Estamos felizes por si...

Max olha à volta novamente.

Max – Sabe onde estamos, exactamente?

Dom – Não... Não havia nada visível da carrinha mortuária que nos trouxe até aqui. As persianas estavam fechadas.

Max – Tem a certeza de que era uma carrinha mortuária?

Dom – Eu disse isso? Não, referia-me à carrinha de saneamento, obviamente.

Pat – A viagem demorou apenas um quarto de hora. Não devemos estar muito longe da estação...

Max – Sim... mas isto não é um hospital.

Pat – Não... E até agora não estamos doentes.

Max – É estranho... Que lugar é este... *(Ele olha à volta do palco, e o seu rosto congela quando dá de caras com os espectadores)* E quem são estes?

Pat – Estes? Quem?

Max *(apontando para a audiência)* – Eles!

Pat dá um passo em frente.

Pat – Não consigo ver nada... Com as luzes da ribalta... Elas estão a encandear-me...

Max – Ali, todas aquelas pessoas a olhar para nós!

Pat *(olhando para a audiência)* – Não... Mas o que é isto...? *(Ao Dom)* Já o viu?

Dom – Sim... Foi a primeira coisa que vi quando entrei.

Pat – Podia ter-nos dito!

Dom – O quê?

Pat – Que nos estavam a observar! Que nos estavam a ouvir!

Dom – Não me passou pela cabeça... O que é que teria mudado? Não fizemos nada de errado, pois não? E nós não dissemos nada de errado...

Pat – Espero que não...

Max – Eu não disse nada.

Pat – É um pesadelo...

Max – Acha que eles nos conseguem ouvir?

Dom – Penso que é para isso que eles estão aqui.

Max – Para nos ouvir?

Pat – Para nos observar, se alguma coisa. Uma vez que estamos sob observação. Para ver como é que a doença vai evoluir?

Max – É engraçado. Não os ouvimos.

Dom – Talvez porque eles não dizem nada.

Pat – Ou estão atrás do vidro.

Max – Um vidro?

Pat – Como numa sala de interrogatório... (*Dirigindo os olhos em frente dos projectores que o cegam*) E com estas luzes a brilhar nos nossos olhos...

Dom – Nunca estive numa sala de interrogatório. Pelo menos não antes de hoje.

Pat – É claro. Quando estás do lado certo, consegues ver pessoas, e elas não te conseguem ver.

Max – A gente?

Pat – Os suspeitos!

Max – Sim, mas vemo-los agora.

Dom – Se alguma vez me encontrar numa sala de interrogatório, tenho a certeza que não estarei no lado bom do copo.

Max – O lado bom...? Qual achas que é?

Dom – O lado que se pode ver sem ser visto...!

Max – Então... são eles que vamos interrogar... e nós estamos aqui para assistir.

Pat – Tem razão, não faz sentido. Nós não somos polícias...

Dom – Se assim o diz...

Pat – Desculpe-me?

Dom – Parece saber muito sobre salas de interrogatório...

Pat – O que quer dizer?

Dom – Não sei... Você sabe tudo sobre vírus, ou quase tudo... Também sabe como é uma sala de interrogatório. Não foram eles que o enviaram, pois não?

Pat – Eles? Não percebo...

Max – Poderia ser um infiltrado. Penso que é isso que este cavalheiro está a tentar insinuar. Um espião, se gostar...

Pat – Penso certamente que estamos todos a começar a ficar loucos. Estas pessoas são médicos. Eles estão aqui para observar a evolução da nossa doença sem risco de contaminação.

Max – Vamos fingir que eles não estão aqui.

Dom – É isso mesmo. Vamos fazer isso... Como se nada tivesse acontecido. Como se não fôssemos cobaias num laboratório, espiadas dia e noite por uma centena de especialistas para ver quanto tempo levamos a morrer, e como...

Sam, entra com o mesmo traje que o deles.

Sam – Bom dia...

Pat – Talvez esta senhora nos possa informar... Olá, minha senhora, é médica?

Sam – Sou um informadora.

Pat – Um repórter?

Dom – Costumava ser chamada de jornalista, creio eu.

Max – Ah... Então você é uma de nós.

Sam – Vocês são todos informadores?

Max – Não, quero dizer como nós... Também não sabe porque nos trouxeram aqui...

Sam – Lamento, mas não faço a menor ideia. Eu estava a sair do comboio...

Dom – Sim, isso mesmo, nós sabemos...

Sam – Se sabe, porque me pergunta?

Max – Mas nós não sabemos nada, acabámos de o dizer!

Sam – Também não precisa de ficar zangado.

Max – Desculpe, tem razão.

Sam – Eu estava a sair do comboio e... alguns polícias trouxeram-me aqui. Não tenho mais nenhuma informação. Não sei porque fomos parados.

Dom – Disseram-lhe que foi uma detenção?

Sam – Não, não explicitamente, mas...

Pat – Ouvi dizer quarentena? Bem, foi o que eu compreendi.

Dom – Talvez estivessem a falar da sua idade?

Sam – Se eles nos detiveram, deve haver uma boa razão.

Dom – Pensa que estamos sob custódia?

Sam – Não sei... Queria dizer... sob observação.

Pat baixa um pouco a sua voz, apontando discretamente para a audiência.

Pat – Então não sabe quem são todas aquelas pessoas que nos observam...

Sam nota a presença, mas não mostra surpresa.

Sam – Não...

Max – Então também andou naquele comboio?

Sam – Carruagem 13. Assento 40. E você?

Pat – 42.

Max – 41.

Dom – 43.

Sam – Por isso, estávamos sentados um ao lado do outro.

Pat – Ou de frente um para o outro.

Sam – Isso explicaria porque fomos infectados pela mesma pessoa... Mas quem?

Ele lança um olhar desconfiado sobre os outros três. Perplexidade geral.

Pat – Temos um aspecto com estes fatos... Sinto-me como se estivesse num manicómio...

Max – Mas a insanidade não é contagiosa... Será?

Sam – É melhor evitar o contacto físico, no entanto.

Dom – Ah, é que tinhas a intenção...?

Pat – Também vamos evitar a tosse. Ou pomos a nossa mão à frente da boca.

Dom – Então porque não nos deram máscaras? Se formos contagiosos.

Pat – Eles devem considerar que entre nós não vale a pena. Se já estamos todos condenados...

Sam – Estamos condenados?

Pat – Desculpe, eu quis dizer contaminados.

Max – Neste caso, não vale a pena pôr a mão à frente da boca antes de tossir.

Dom – Então, podemos tocarmo-nos um no outro, certo?

Sam – Poderíamos, pelo menos, apresentar-nos primeiro. *(Chegar ao Dom) Sam.*

Após uma pequena hesitação, Dom estende a mão estendida de Sam.

Dom – Dom.

O mesmo jogo com os outros dois.

Pat – Pat.

Max – Max.

Todos eles apertam as mãos com alguma apreensão. De repente, um altifalante crepita e uma locução.

Voz – Olá a todos, estão a ouvir-nos?

Momento de surpresa.

Sam – Afirmativo. Lemos-lhe cinco por cinco.

Dom – Bem, digamos quatro em cada cinco.

Voz – Antes de mais, por favor desculpem-nos por todo este inconveniente, que infelizmente é necessário devido à crise que todos nós enfrentamos. Tivemos de reagir com urgência. E não tivemos tempo para lhe explicar claramente as razões da sua detenção... Refiro-me à sua detenção neste local de confinamento, para evitar qualquer contacto com o mundo exterior...

Pat – E agora podemos saber qual é exactamente a natureza desta crise de saúde?

Voz – É um pouco difícil de explicar através de um altifalante. Mas não se preocupe. Juntar-nos-emos a si em breve. Entretanto, vamos certificar-nos de que não lhe falta nada. Na entrada há um frigorífico e armários bem abastecidos, o que vos permitirá alimentarem-se a vós próprios. Há também uma porta que conduz a um corredor que conduz aos quartos, cada um deles equipado com uma casa de banho e um mini-bar. É bastante básico, mas verás, há tudo o que precisa...

Dom – Tudo o que precisa?

Voz – Até há matraquilhos para jogar.

Max – Podemos ao menos saber quanto tempo é que isto vai durar?

Pat – O meu marido e os meus filhos estão à minha espera em casa. Bem, pelo menos os meus filhos...

Voz – Não se preocupe. As suas famílias, empregadores ou clientes foram avisados. Divirta-se connosco e até breve.

Ouve-se outro crepitar e depois não se ouve nada.

Pat – Divertir-me?

Dom – E é isso... É isso mesmo... Só temos de nos calar e esperar...

Sam – Isto é uma loucura...

Momento de estupefacção geral.

Pat – Vou telefonar ao meu marido. Pelo menos aviso-o. (*Pega no telemóvel*). Talvez eles tenham mais informação fora... (*Pressiona um botão e o seu rosto congela*) Não tenho rede... E você?

Dom tira o telemóvel do bolso.

Dom – Nem eu.

Sam – Têm de usar um bloqueador...

Max – Mas porquê?

Momento de perplexidade.

Pat – Então estamos realmente isolados do mundo?

Dom – O que é que fazemos?

Sam – O que quer que façamos?

Pausa.

Max – Podemos sempre comer.

Dom – Desculpe?

Max – Disseram-nos onde estava a comida.

Dom – Então estamos presos aqui sem saber porquê, sem forma de comunicar com o mundo exterior, e tudo o que ele pode pensar é em comer...

Max – Tem uma ideia melhor?

Dom – Não...

Max – Você pode fazer o que quiser, mas eu tenho fome...

Ele sai. Os outros três olham uns para o outros.

Sam – Também estou com um pouco de fome...

Sai.

Dom – O que pensa?

Pat – Afinal de contas... de que serve deixar-nos morrer à fome?

Ela sai. Depois de uma hesitação, ele segue-a.

Escuro.

Acto 2

A luz regressa. Dom e Pat andam como leões enjaulados. Max vigia-os com um ar desprendido, comendo uma fatia de pizza.

Pat – Não éramos quatro antes?

Dom – Sim, é isso mesmo...

Pat – O quarto desapareceu...

Dom – Qual era o seu nome?

Max – Kim.

Pat – Foi a Kim?

Dom – Sam, penso eu.

Max – Sam, isso é...

Dom – O que é que eles fizeram com ela?

Max – Talvez a tenham libertado.

Pat – Libertou-a? Porque não nós?

Dom – Ou talvez ela esteja morta.

Pat – Morta? Quer dizer... desta doença?

Dom – Não sei. *(Ao Max)* O que pensa?

Max – Sim, ela pode estar morta.

Pat – Não parece tirar-lhe o apetite, pelo menos...

Durante algum tempo.

Dom – Há quanto tempo estamos aqui?

Pat – Eu diria uma semana, não acha?

Máximo - Exactamente sete dias.

Pat – Sim, era isso que eu estava a dizer... Uma semana. Sinto-me como se estivesse a enlouquecer.

Dom – Eu também.

Pat – Louco como o inferno, ainda não. Mas, fechados, já estamos.

Max – De qualquer modo, disseram-nos para ficarmos aqui.

Dom – Foi-nos dito? Por quem?

Max – A Autoridade. Isto é, as autoridades sanitárias. Disseram-no por cima do altifalante. Não o ouviu?

Pat – É apenas uma voz anónima num altifalante...

Dom – É verdade, afinal o que é que nós sabemos? Talvez tenhamos sido raptados...

Max – Pela polícia?

Pat – Talvez fossem polícias falsos. Estavam mascarados...

Max – Porque nos raptariam eles?

Dom – Para resgatar as nossas famílias? Eu não tenho família... Acho que vocês também não são milionários.

Pat – Tenho apenas o meu apartamento, que continua a ser propriedade do banco até eu ter reembolsado o meu empréstimo dentro de cinquenta anos. Não creio que o meu banco pague um resgate para me libertar... só para que possa continuar a pagar o meu crédito.

Dom – Além disso, ninguém nos pediu um resgate.

Max – Que eu saiba, não.

Dom – Os nossos raptadores devem ter-se apercebido que não éramos bons clientes, por isso fugiram. Esquecendo-se de nos libertar...

Pat – Ou talvez seja uma tomada de reféns. A tomada de reféns são frequentemente muito longas. Por vezes duram anos.

Max – Uma tomada de reféns?

Pat – Porque não? Eles fazem uma exigência, e ameaçam matar-nos se as autoridades não lhes derem o que querem.

Max – Neste caso, vocês estão em apuros.

Dom – Você?

Max – Quer dizer... nós. Estamos em apuros. Há muito tempo que as autoridades não cedem à chantagem dos terroristas. Mesmo quando as vidas dos reféns estão em perigo.

Uma pausa.

Pat – Acho que estamos a começar a delirar... Não, é apenas uma quarentena, só isso.

Dom – Acha que sim?

Pat – É nisso que eu prefiro acreditar, pelo menos. Para que eu não enlouqueça...

Max – Tem razão. Não temos que ver tudo negro.

Pat – O principal é que ninguém está doente... Se for realmente uma quarentena, acabarão por nos deixar sair.

Max – Por que raio estaríamos infectados?

Dom – É engraçado, você disse que mal, e não que doença.

Pat – Por que mais poderíamos ser infectados, para além de uma doença?

Max – Não sei... Acabei de dizer... O que pensa?

Dom – Nada, não penso nada. E se eu pensasse alguma coisa, não vos diria.

Pat enfrenta os espectadores.

Pat – E eles estão sempre lá também...

Max – Talvez eles também não possam fugir.

Pat – Fariam eles reféns, como nós?

Dom – Se são livres de partir, porque será que ainda não o fizeram?

Max – Sim... Porque não se passa nada de muito excitante.

Pat – Isto parece um reality show. Até nós ficarmos aborrecidos...

A Doutora Kim aparece atrás deles. Ela é a mesma atriz que anteriormente interpretou Sam. Ela veste um fato preto com um colarinho chinês e tem o sorriso de uma apresentadora de televisão.

Kim – Caros amigos, bom dia!

Os outros três dão meia volta, surpreendidos.

Pat – Ela não está a usar a mesma bata que nós. Ela deve ser médica.

Dom – É engraçado, a cara dela parece familiar...

Pat – Tenho a impressão de já a ter visto antes.

Max – Talvez ela explique o que estamos a fazer aqui...

Dom – Finalmente!

Pat – Olá, Doutora. Então, estamos livres?

Kim – Ainda não...

Dom – Pode dizer-nos primeiro quem é e porque estamos aqui?

Kim – Eu sou ... o seu reformador.

Pat – Reformador?

Kim – Estou aqui para os pôr em forma.

Pat – Penso que costumava ser chamado de inquisidora.

Dom – Amanhã será chamado redentora.

Pat – Mas é médico?

Kim – De qualquer forma, sou médico... Sou o Doutora Kim, e estou aqui para o curar.

Dom – Para nos curar?

Kim – Digamos... para vos colocar no caminho certo. No caminho da cura?

Pat – E como pensa fazer isso?

Kim – Reformando, precisamente. Se ainda for possível...

Pat – Quer dizer que não tem uma vacina.

Max – Isso é muito reconfortante...

Pat – Mas... Porque é que nos mantém aqui? Chegou o momento de nos dizer.

Kim – Estiveram em contacto com alguém perigoso.

Max – Quer dizer... alguém com um vírus perigoso?

Kim – Sim, de certa forma. Estamos à espera para ver se também está contaminado...

Dom – Mas nós não recebemos nenhum tratamento!

Kim – Não há tratamento.

Dom – Refere-se a nenhum tratamento médico?

Pat – Mas não temos quaisquer sintomas!

Kim – É uma condição que pode ter um período de incubação muito longo.

Dom – E se estivermos realmente infectados com este vírus, o que é que eles vão fazer connosco?

Kim – Estamos à espera de instruções.

Dom – Sinto-me como se estivesse a falar com um robô cujo disco rígido está um pouco arranhado. Tem a certeza de que não é você que está com o vírus?

Pat – O que é certo é que estamos aqui fechados há uma semana, sem qualquer contacto com as nossas famílias...

Dom – Mesmo ao telefone!

Pat – A rede está bloqueada. Os vírus não são transmitidos por telefone, pois não?

Kim – Depende de quais...

Pat aponta para a audiência.

Pat – E quem são todas essas pessoas que nos observam?

Kim – Também são cobaias.

Pat – Eles também? Portanto, somos cobaias.

Kim – Queremos ver quais serão as suas reacções após um contacto prolongado com pessoas gravemente infectadas, como vocês próprios.

Dom – Mas nós não temos contacto com eles!

Kim – Não. Mas eles ouvem-nos. E eles vêem-nos.

Max – Sinto-me como um hámster num laboratório.

Pat – Gostaria que tivéssemos uma roda para que pudéssemos fazer algum exercício.

Kim – Isto não é um jogo, confiem em mim.

Pat – Qual é exactamente o aspecto deste vírus?

Kim – Na verdade... Não é exactamente um vírus.

Max – O que é então?

Kim – É mais como algo que é transmitido através do contacto auditivo. Ou visual. Ou ambos. Por mímica, por assim dizer.

Dom – Ah, sim, agora está muito mais claro.

Kim – Alguém no vagão 13 envolvido em comportamentos inadequados, desviantes e, portanto, perigosos.

Pat – Que tipo de comportamento?

Kim – Não se lembra mesmo?

Pat – Não.

Kim – Nenhum de vocês?

Dom – Não.

Kim – Veremos. Limitámo-lo aqui para ter a certeza de que não é contagioso.

Pat – Contagioso? Mas você diz que não é um vírus!

Kim – Para garantir que não se sinta tentado a imitar esta perigosa perversão, e assim pôr em perigo outras pessoas, contaminando-as.

Pat – E por quanto tempo nos vai manter aqui?

Kim – Estamos à espera de instruções sobre isto. Por agora, tente lembrar-se.

Max – Recordar o quê?

Kim – O que viram e ouviram nesse vagão 13... Vou deixar-vos pensar um pouco mais...

Pat – De qualquer forma...

Kim – É tudo por hoje. Caros amigos, voltaremos a vê-los em breve. E entretanto, se precisar de alguma coisa, não hesite em nos avisar.

Pat – Como? Estamos aqui fechados, e não temos forma de comunicar com o exterior! Nem mesmo com o serviço de quartos...

Kim – Não se preocupe... Peça, e ser-lhe-á entregue. Procurai, e encontrareis...

Dom – Bate, e será aberto?

Kim sai.

Pat – Que possamos recordar...

Max – Lembra-se de alguma coisa?

Dom – Não... Acha?

Pat – Eu também não...

Dom – E se nos lembrássemos de algo, ninguém o diria, pois não?

Max – Porquê?

Pat (*apontando para a audiência*) – Lembro-lhes que nos ouvem...

Dom – Isso não pode ser esquecido.

Max – Saber que é ouvido... evita comportamentos desviantes, não é verdade?

Dom – O que é um comportamento desviante?

Pat – Desviado de quê?

Max – Que... Não sabemos...

Pat – Já não sabemos mais.

Dom – Provavelmente sabíamos um dia... mas esquecemo-nos disso.

Pausa.

Max – Isto deixa-me com fome, tudo isto. Não têm?

O Max sai.

Pat – Só pensa apenas em comer.

Dom – Será que aquele idiota está aqui para nos observar?

Pat – Eles já estão a observar-nos, não estão?

Dom – Referia-me a observar-nos a partir do interior.

Pat – Um espião? Pode ser qualquer um de nós.

Dom – Sim... Porque não eu?

Pat – Não me parece que seja um deles.

Dom – Você pode ser o espião. E está a tentar levar-me a falar.

Pat – Neste caso, você é muito bom. Não se diz nada.

Dom – Eu tenho cuidado, é tudo...

Pat – Eu é que falo, então.

Dom – Como desejar.

Pat – Eu disse que não me lembrava de nada, mas... isso não é bem verdade.

Dom – A sério?

Pat – Lembro-me de algo.

Dom – Eu ouço-o... (*Olhando para a audiência*) Todos o ouvimos...

Pat – Lembro-me do casal que estava sentado ao nosso lado naquele comboio.

Dom – Ah, sim...?

Pat – O homem começou a contar uma história à mulher.

Dom – Uma história?

Pat – Uma história de loucos.

Dom – Gostaria de o ouvir.

Pat – Um louco encontra um espelho. Ele olha para ela, vê a sua cara e exclama: "A cabeça deste idiota está a dizer-me algo...". O outro pega no espelho, olha para ele por sua vez e responde: Claro, sou eu!

Dom – E você acha que é uma história de loucos?

Pat – Em qualquer caso, só um louco pode contar uma história tão absurda. Isso foi sempre o que nos ensinaram, não é verdade?

Dom – Sim...

Pat – E esta história, já a conhecia antes de eu lha contar?

Dom – Talvez.

Pat – Ouviu-a tal como eu o ouvi naquela carruagem.

Dom – Adiante, e depois?

Pat – O cara da mulher se virou... como uma grande careta. Foi abalada por espasmos da cabeça aos pés. Ela abriu a boca e uma espécie de grito saiu-lhe da boca.

Dom – Um grito? Que tipo de grito?

Pat – Ha ha ha ha ha!

Dom – Ha ha ha ha ha?

Pat – Ha ha ha ha ha!

Ela se põe a rir com histerismo.

Dom – Fale baixo, por favor... E depois?

Pat – Ela não parecia estar a sofrer. Ele olhou para ela e ela começou a ter os mesmos sintomas.

Dom – Então é contagioso. E depois?

Pat – A polícia veio e levou-os a ambos.

Dom – Estou a ver...

Pat – Claro que viu. Estava lá, como eu.

Dom – Não me lembro...

Pat – Eu não sou espião. Pode confiar em mim.

Espera um minuto. Arrasta-o para o fundo do palco, para longe do público.

Dom – Chama-se a isto riso.

Pat – Desculpe?

Dom – A doença contagiosa cujos sintomas acabou de descrever. Chama-se a isto riso.

Pat – Risos? O que é isso?

Dom – Uma doença que as autoridades sanitárias tinham conseguido erradicar. Mas não completamente...

Pat – O que era aquela doença?

Dom – Um afecto muito antigo. Tão velho como a humanidade. Os sintomas eram relativamente leves, mas levaram a um comportamento desordenado. Desviante, como se costuma dizer...

Pat – Mas eu acabei de lhe contar a mesma história, e você não se riu.

Dom – A segunda vez é sempre menos engraçada. E com o tempo perdemos o hábito de rir. Já não sabemos o que é engraçado.

Pat – Engraçado?

Dom – Engraçado. Ou cómico. O que desencadeia o riso. Já não sabemos como rir.

Pat – E você? às vezes ri-se?

Dom – Às escondidas, quer dizer? Porque se não o fizer... Viu o destino que aguarda aqueles que se apanham a rir.

Pat – E então?

Ela aproxima-se dela e fala suavemente.

Dom – Faço parte de um grupo.

Pat – Um grupo terrorista?

Dom – Sim, se quiser. Temos reuniões secretas. Contamos histórias engraçadas e rimos. Pelo menos, tentamos...

Pat – Histórias loucas?

Dom – É preciso ser louco para gozar com as autoridades? Ou mesmo com o Líder Supremo?

Pat – Mas criticar as autoridades é proibido, não é? E desrespeitar o Líder Supremo é uma blasfêmia.

Dom – Antigamente, a blasfêmia era permitida.

Pat – Como é que sabe tudo isto?

Dom – Encontrámos alguns livros.

Pat – Livros?

Dom – E jornais também.

Pat – O que é isso?

Dom – É como uma tablete, mas os caracteres são impressos em tinta preta sobre papel.

Pat – Como na embalagem?

Dom – E porque não estão numa rede, é impossível de controlar.

Pat – E, claro, são proibidos.

Dom – Houve um tempo em que não o eram? Era uma época diferente.

Pat – Não me lembro.

Dom – Uma época que todos esqueceram. As autoridades fizeram o que era necessário para isso. Queimando todos os livros, especialmente.

Pat – O riso...

Dom – Era humano, ao que parece. O que o distinguiu dos animais sociais como abelhas, formigas ou térmitas.

Pat – Ainda temos inteligência.

Dom – Mas por quanto tempo...? Os professores tornaram-se formadores. Os políticos tornam-se reformadores. Os cientistas informáticos estão a transformar-se em computadores...

Max regressa. Eles deixam a conversa.

Pat – Comeu bem?

Dom – Foi bom?

Max – Excelente.

Pat – O que é que havia hoje?

Max – Pizza.

Dom – Novamente?

Pat – Por quanto tempo nos vão manter presos aqui, a comer pizza?

Max – Eu gosto de pizza.

Dom – E se fugirmos?

Max – Fuga? Mas é proibido, não é?

Dom – É claro... Eu estava a brincar.

Max – É claro que é proibido. E, além disso, corremos o risco de infectar os outros fora.

Dom – O público, em particular. Neste momento não parecem estar a rir muito, mas...

Max – E de qualquer maneira, eles vão encontrá-lo em breve...

Dom – Bem... Então, o que é que fazemos?

Pat – Sobrou alguma pizza?

Max – Há montes deles no congelador. Basta colocá-los no microondas.

Dom – Eu vou consigo.

Dom e Pat saem. Kim regressa.

Kim – Então, obtive alguma informação sobre eles?

Max – Nenhuma... Começo a perguntar-me se sou realmente um bom informador.

Kim – Sim, eu também... Bem... Mas você tem uma opinião, não tem?

Max – Uma quê?

Kim – O que acha?

Max – Nada. Sempre me disse que pensava demais, Chefe. E que pode ser perigoso...

Kim – De qualquer modo, já temos um ficheiro sobre eles.

Max – E também tem um ficheiro sobre mim?

Kim – Claro que sim! Até você o escreveu, depois de eu o ter denunciado à polícia para obter a recompensa. Não se lembra?

Max – Sim, sim... levou-me dez anos de internamento, para voltar ao caminho certo, como diz.

Kim – Se todos fossem como tu, estaríamos em muito menos problemas, acredita em mim.

Max – Tem a certeza de que estas pessoas são perigosas, Chefe?

Kim – Ainda tem dúvidas?

Max – Não, claro...

Kim – Uma vez que não pode obter qualquer informação deles, escrever-me-á um novo relatório sobre si próprio. Far-me-á uma lista de todos os seus pensamentos desviantes. Quero-o na minha secretária amanhã de manhã.

Max – Muito bem, Chefe.

Max olha à sua volta e para os espectadores.

Kim – Em que é que estás a pensar?

Max – Nada, garanto-vos.

Kim – Vejo que estás a pensar em algo! E?

Max – Perguntava-me... O que é isto?

Kim – Um teatro abandonado.

Max – Um teatro?

Kim – Um lugar onde as pessoas costumavam reunir-se para rir juntas.

Max – Para rir?

Kim – Naquela altura era legal. Podia-se gozar de tudo. Mesmo as autoridades.

Max – Mesmo o Líder Supremo?

Kim – Até a si próprio.

Max – Felizmente, esta era está definitivamente terminada.

Kim – Sim... Não me digas que ainda estás a pensar em algo?

Max – Vou escrever este relatório.

O Max abandona. Kim vira-se para a audiência.

Kim – E vocês, nada de sintomas alarmantes, nada de disparates risonhos? Bem, se não se meterem em sarilhos, deixamo-los sair mais tarde...

Kim sai. O Dom e a Pat regressam.

Dom – Acha que é ele?

Pat – Quem?

Dom – Sam! Pensa que ele é um espião!

Pat – Por isso acha que já não poderei ser eu.

Dom – Não.

Pausa.

Pat – Aquele casal, lembra-se bem deles.

Dom – Que casal?

Pat – O homem que conta uma história à mulher, e ambos riem.

Dom – E porque pensa que me lembro disso?

Pat – Porque esse casal éramos nós.

Dom – Talvez tenha sido. *(Breve pausa)* Nunca se riu antes?

Pat – Não. Eu não sabia o que me estava a acontecer. Foi como... Não consegui controlar nada... Fiquei um pouco envergonhada.

Dom – Eu compreendo. É sempre assim da primeira vez.

Pat – E você? Já riu com outras mulheres antes?

Dom – Sim. Com outras mulheres. E também com outros homens. Por vezes com vários.

Pat – Com vários...?

Dom – Sim... E gostou?

Pat – Eu? não sei...

Dom – Gostou.

Pat – Sim...

Dom – É como uma droga. Uma vez experimentado, não há volta a dar. Cria dependência.

Pat – Isso é o que me assusta. E foi por isso que nos trancaram aqui dentro, não foi?

Dom – Sim... Os outros dois, à nossa frente, devem ter sido polícias.

Pat – Eles trouxeram-nos aqui. Estavam mascarados, mas eu reconheci a sua voz.

Dom – Então, sabia.

Pat – Sim. Mas porque é que duas pessoas a rir lhes preocupa tanto ?

Dom – O riso tem um efeito devastador, eles sabem disso.

Pat – Devastador? Quer dizer que é perigoso para a sua saúde?

Dom – Para a saúde, não. Seria bastante bom. Mas para eles, o riso é perigoso.

Pat – Porquê?

Dom – Quando se começa a rir de tudo, é-se muito menos ingénuo e, portanto, muito menos dócil. O riso é subversivo...

Pat – O que é que eles vão fazer connosco?

Dom – Não sei. Nós metemo-lhes medo.

Pat – Medo?

Dom – Eles têm medo que este riso seja contagioso. E que esta epidemia vai tomar todo o sistema. E a eles também...

Pat – Pensa que eles podem matar-nos.

Dom – Eles provavelmente já pensaram nisso. Mas eles não podem matar toda a gente...

Pat – Então o que é que fazemos?

Dom – Quer que lhe diga outro...?

Pat – Outra anedota?

Dom – Vamos morrer, por isso mais vale morrer a rir...

Pat – Estou a avisá-lo, sou casada.

Dom – Não se preocupe, rir não é realmente enganar...

Pat – Estou a ouvir...

Dom – Então esta é a história de...

Pat – Aqui não, acho que nos ouvem...

Dom – Tem razão... Vamos para o meu quarto...

Eles partem. Kim e Max regressam.

Max – Aqui está o meu relatório.

Kim – Não é muito grosso... Tem a certeza que não se esqueceu de nada?

Max – Absolutamente certo, Chefe.

Kim – Onde estão eles? Pelo menos eles não teriam fugido...

Max – Devem estar nos seus quartos.

Ouve-se o riso de Dom e Pat.

Kim – Pelo menos agora estamos a salvo.

Max – Sim... De facto, eles contraíram o vírus.

Ouvem-nos rir de novo, um pouco embaraçados e um pouco confusos.

Kim – Já alguma vez se riu?

Max – Não, e você?

Kim – Parece doloroso, não é verdade?

Max – Não sei, digo-lhe que nunca me ri, está a tentar enganar-me outra vez?

Mais gargalhadas dos bastidores.

Kim – Desta vez, não temos escolha. A Autoridade deve ser consultada...

Escuro.

Acto 3

Kim está de pé, ainda a usar o fato preto com colarinho de chinês. Dom, Pat e Max estão sentados. Dom e Pat usam sempre os seus vestidos (azul, rosa ou verde) de paciente, mas Max usa agora tem um vestido de enfermagem branco.

Kim – Caros amigos, antes de mais nada, obrigado por responderem ao nosso convite.

Pat – Não tínhamos muita escolha...

Dom – Estamos presos!

Kim limpa a garganta e continua como se nada tivesse acontecido.

Kim – Por isso reuni-vos aqui para terapia de grupo.

Pat – Refere-se a um interrogatório...?

Kim – Sabemos que dois de vós têm sido vítimas de um ataque de riso desde que aqui chegaram. O que prova que um deles já estava infectado antes da quarentena. E o outro contraiu o vírus quando entrou em contacto com ele.

Dom – Se tem tanta certeza, porquê esta investigação falsa?

Kim – Esperamos que os culpados se denunciem a si próprios. Faz parte do terapia...

Max – Estamos a rir? Mas nós nem sequer sabemos o que isso significa, pois não, amigos?

Pat – Muito bem, deixa estar... já percebemos que eras um espião.

Max – Mas garanto-vos...

Dom – Um espião muito mau, a propósito.

Max – Bem, um infiltrado, talvez, mas eu não sou um espião. Os espiões são quando se está do lado errado. Estamos no lado certo, não estamos, chefe?

Kim – O senhor não é um espião. Ele é um informador.

Dom – E o que é você, exactamente?

Kim – Eu sou o vosso reformador.

Dom – Um reformador?

Kim – Estou aqui para reformatá-lo.

Dom – Não é esse o significado original da palavra reformador.

Kim – Olha para o dicionário e verá!

Dom – Este dicionário, vocês reescreveram-no completamente. Mas encontrei uma cópia de uma enciclopédia antiga, e sei o que todas essas palavras significavam.

Kim – Cabe agora à Autoridade definir o significado de cada palavra, tendo o bem da Nação como única consideração.

Dom – Reescreveste tudo, até a Bíblia! Substituíste Deus pelo Guia Supremo! E queimaste todos os livros para não deixar vestígios do passado!

Kim – Aparentemente não todos, uma vez que parece ter lido alguns deles.

Dom – Tudo o que pode ler hoje está num ecrã através de uma rede da qual tem controlo total.

Pat – Então quer reformatar-nos? Apagar o disco rígido e reinstalar o sistema operativo, certo?

Dom – E também instalar um anti-vírus, provavelmente...

Kim – O riso é muito viciante. Uma vez que se tenha rido uma vez, será sempre tentado a recomeçar.

Pat – Então pensa que o riso é uma droga?

Dom – Uma droga leve, pelo menos.

Kim – O vício do riso é como o vício do álcool. Nunca está completamente curado. Pode-se evitar o riso. Mas a tentação estará sempre presente.

Max – Alcoólico um dia, alcoólico sempre.

Kim – Sabes do que estás a falar. Enviaram-no para a reabilitação durante dez anos. Bebeu álcool às escondidas. E entregou-se à polícia.

Max – Eu não bebo agora.

Dom – Mas quanto a comer...

Max – Então esta terapia é como uma reunião de alcoólicos anónimos?

Kim – É verdade... uma reunião de risos anónimos.

Pat – Cujo objectivo é desmascarar aqueles que riem às escondidas.

Kim – É isso mesmo, exactamente.

Dom – E como é que vai fazer isso?

Kim – Vou contar-vos uma história. Uma história divertida, segundo dizem eles. Veremos quem está a rir.

Pat – Estou a ver. Um teste de rastreio, em poucas palavras.

Dom – É engraçado, mas seja qual for a história que nos conte, duvido que faça alguém rir.

Kim – Porquê?

Dom – Porque para rir, é preciso estar em boa companhia. Ou pelo menos entre voluntários.

Pat – Agora, basicamente, está a dizer-nos que a primeira pessoa a rir irá a um campo de reabilitação.

Dom – Ou pior, será executado.

Kim – Como adivinhou?

Pat – Já estou a rir...

Kim – Bem, vou contar-lhes a minha história de qualquer maneira.

Max – Estamos a ouvir, chefe.

Kim – Um louco encontra um espelho. Ele olha para ela, vê a sua cara e exclama: a cabeça deste idiota está a dizer-me algo. O outro pega no espelho, olha para ele por sua vez e responde: Evidentemente, sou eu.

Max – Isso é estúpido.

Kim – Isso é que é engraçado, não é? Penso que sim.

Dom – Bem, depende de como se o diz.

Pat – E especialmente quem o está a dizer.

Kim – Acha que sim?

Pat – Como sabes que vais ser executado se te ris, isso não ajuda.

Kim – Acha que sim?

Pat – Claro que sim.

Kim – Vejo o que queres dizer... Portanto, só temos de dizer... o primeiro a rir, perde. Quem quer brincar comigo?

Os outros permanecem em silêncio.

Max – Eu brinco consigo, chefe.

Kim – Está bem... Se rir, perde...

Pegam num copo e enchem as bochechas com água. Depois pegam um no outro pelo queixo e permanecem quietos e em silêncio durante muito tempo, olhando um para o outro com intensidade e um ar muito sério. Os outros olham para eles com perplexidade. Depois de um momento, Max começa a sorrir, antes de irromper em gargalhadas, cuspidando a água da sua boca para o rosto do outro ao mesmo tempo. Como o riso é contagioso, todos o imitam, excepto Kim.

Kim – Todos estão infectados, então...

Dom – Ele é um de nós agora. Riu-se como os outros...

Kim (ao Max) – Bem, agora também está em quarentena.

Max tenta recompor-se.

Max – Ao seu serviço, Chefe.

Mas Max não consegue parar de rir outra vez, é incapaz de parar.

Kim – Achas isso engraçado?

Max – Não, de modo algum! Bem, sim, mas...

Dom (para Kim) – Vês, também podes ser engraçado, quando queres ser. Bem, quando não se quer...

Toda a gente continua a rir histericamente. Kim parece muito desconfortável e quase assustado com as gargalhadas.

Kim (ao Max) – Ordeno-te que pares de rir!

Mas os outros, levados por este riso maluco, não podem parar. Kim cobre-a orelhas, e sai a correr. Dom, Pat e Max param lentamente de rir.

Dom – Bem, agora você é um de nós. Então, como se sente?

Max – Não sei... A rir? Pensei que era doloroso. Na verdade, é bastante agradável.

Pat – Muito bom...

Max – Bem, isso é um alívio.

Dom – E pensar que já foi capaz de rir em público...

Pat – Como se chegamos a isto?

Dom – Começou há muito tempo, mas foi-se instalando gradualmente. Começámos por proibir o riso de certas coisas. Religião, antes de mais nada...

Max – E das autoridades, é claro.

Dom – E então o Líder Supremo tornou-se um novo Deus, e todas as críticas se tornaram blasfémia.

Max – O álcool também foi banido, porque quando se está bêbado, tende-se a rir mais facilmente.

Dom – A Autoridade tinha elaborado uma lista de assuntos de que ainda se podia rir. Ao longo dos anos, a lista foi-se tornando cada vez mais curta.

Max – No final, decidiram que a coisa mais fácil a fazer era não rir.

Dom – E assim pouco a pouco, de não terem o direito de rir de tudo, chegou-se a não ter o direito de rir de nada...

Max – No final, nem sequer se podia rir-te de ti mesmo...

Dom – Mesmo os pobres não tinham o direito de rir do seu próprio infortúnio.

Pat – Mas como é que aplicaram esta proibição?

Dom – As autoridades trataram o riso como uma doença mental. Aqueles que foram apanhados a rir foram imediatamente internados.

Max – E, claro, eliminámos tudo o que lhe dava vontade de rir.

Dom – Proibições de jornais, encerramento de teatros, auto-censura generalizada...

Max – Palhaços, comediantes e actores eram considerados terroristas perigosos.

Dom – O riso foi tratado como a lepra. As pessoas foram emparedadas vivas nas suas casas porque tinham sido ouvidas a rir.

Max – Também forçámos toda a população a usar uma máscara.

Dom – Sob o pretexto de se protegerem de um vírus. Na realidade, era para que nem um sorriso pudesse ser visto no rosto de ninguém. Essas máscaras tinham-se tornado focinheiras.

Max – Como em outras religiões.

Dom – Antes de a Autoridade se tornar a única religião.

Max – Pouco a pouco, não ouvimos ninguém a rir.

Dom – Ao proibir o riso, é claro, também proibiu a crítica e o protesto.

Max – Acabaram-se os conflitos sociais, acabaram-se os debates políticos e, portanto, as eleições.

Dom – Como já era o caso em muitas ditaduras seculares ou religiosas.

Max – A Autoridade pensava que este mal estava definitivamente erradicado. Mas alguns casos esporádicos têm ressurgido recentemente. Está entre eles.

Pat – O que é que eles vão fazer connosco? Matar-nos?

Max – Antes de vos eliminar, uma vez que vos considerada pessoas não arrependidas e incuráveis, eles queriam usar-vos para experiências.

Pat – Experiências?

Max – Para estudar a reacção do público ao vosso contacto, para observar como o mal se espalha, e para ver os estragos que o riso pode causar a uma população saudável.

Pat olha para o público.

Pat – Era suposto fazê-los rir?

Dom – Só conhecemos algumas piadas más...

Pat – Precisamos de reaprender como rir e a fazer rir.

Pausa.

Max – Mas e se o Líder Supremo nos abandona?

Dom – Não será o fim do mundo. Um novo começo. Os formadores voltarão a ser professores. E reformadores, políticos...

Max – E os informadores como eu? Não sei nada! O que é que vou fazer?

Dom – Se não sabes fazer nada... pode sempre tornar-se actor.

Escuro.

Acto 4

Pat caminha inquieta. Ela aproxima-se do público.

Pat – Não se preocupem, eles também os libertarão em breve. Bem, espero que sim...

O Dom chega.

Dom – O que há de novo?

Pat – Ainda nada. Pareceu-me ouvir um pouco de agitação lá fora. Mas o som é muito abafado.

Dom – Os teatros são sempre muito bem insonorizados.

Pat – Onde está o espião?

Dom – Ele está a terminar as pizzas...

Pat – Estamos sempre aqui fechados, isolados do mundo. Não temos notícias do exterior há dias.

Dom – E em breve não haverá mais pizzas no congelador.

Pat – Acha que sairemos daqui vivos?

Dom – Não estávamos mortos antes da quarentena?

Pat – Tem razão. A única doença real que temos há muito tempo é a desesperança.

Dom – E o riso seria o seu antídoto.

Max entra em cena.

Max – Ouço ruídos estranhos lá fora... Não é o caso?

Dom – Não...

Os três ouvem.

Pat – Oh sim, talvez... Vem de muito longe...

Dom – Soa a... explosões, não soa?

Max – Explosões? Explosões de gargalhadas, então.

Kim regressa. Ela parece em muito mau estado e a sua roupa está uma confusão. Ela traz um sinal de não rir: num pedaço de papel fixado a uma moldura redonda rodeada de vermelho, um rosto hilariante como um emoticon, riscado com um traço vermelho.

Max – Não parece bem, Chefe. Qual é o seu problema?

Kim – A situação mudou...

Max – E não de uma boa maneira, aparentemente.

Kim – Depende para quem.

Max – A epidemia está a alastrar?

Kim – Infelizmente, tornou-se uma pandemia à escala planetária. Uma crise de riso totalmente fora de controlo. Risos malucos generalizados. Há relatos de explosões de riso por toda a cidade.

Max – É assim tão mau?

Kim – Há gargalhadas em cada esquina. A polícia está completamente fora de controlo. Pior ainda, muitos polícias morreram a rir... Estão a rir-se alto! Estão a rir-se como loucos! Estão a rir-se como corcundas! Estão a rir-se no chão! Estão a mijar-se a si próprios a rir! Estão a chorar de riso!

Max – Também se pode chorar com risos?

Kim – Conheces a expressão, quanto mais loucos somos, mais nos rimos?

Max – Não...

Kim – Bem, posso dizer-vos que o mundo inteiro enlouqueceu!

Dom – Então a revolução está em...

Kim – Todo o nosso sistema está a desmoronar-se. As autoridades demitiram-se, e o Líder Supremo deixou o país.

Max – O Líder Supremo? Mas para onde é que ele foi?

Kim – Pediu asilo político no Vaticano. Aí, pelo menos, ele não corre o risco de morrer de riso.

Pat – E o que é que vai fazer connosco?

Kim – Já não serve de nada mantê-los em quarentena. Estão livres.

Dom – Bem... Mal posso esperar para o ver. Pessoas a rir na via pública, nos transportes públicos, e porque não, amanhã, nos cinemas e teatros.

Kim – Isso não me faz rir de todo.

Pat – Venha, venha e dê uma gargalhada connosco!

Dom – Sabe esta? É a história de um louco que queria banir o riso de todo o mundo.

Max – E finalmente, é ele que se engasga com o riso.

Os outros rebentam a rir. Kim também começa a rir nervosamente. Mas as gargalhadas depressa se transforma em convulsões, e Kim desmaia. Pat inclina-se sobre ela.

Pat – Ela está morta! Então podemos literalmente morrer a rir?

Max – Este é um fenómeno que tem sido observado recentemente. Os encarregados de a Autoridade morrem com fulminação quando expostos a uma trovoadas de gargalhadas.

Dom – É por isso que eles queriam deter a epidemia.

Pat (*ao Max*) – Mas você não morreu.

Max – Não... Talvez porque no fundo, eu já não acreditava em toda essa...

Dom – Já foi vacinado, de certa forma. Como nós!

Pat – Então estamos livres?

Dom – Livre para rir de tudo de novo!

Max – O que é que vamos fazer agora?

Dom – Vamos aprender a rir de novo. Vamos aprender a viver novamente.

Pat – Assusta-me um pouco...

Dom – É normal. No início, os escravos libertados não sabem o que fazer com a sua liberdade.

Max – Posso beber novamente?

Pat – Claro que sim! Mas talvez nem precise de o fazer.

Max – É maravilhoso! Mas é verdade que é vertiginoso.

Dom – Sim... somos os pombos de um mágico morto.

Max – O que é que isso significa?

Dom – Nascemos de um truque de magia, mas o mágico que nos trouxe do nada desapareceu, e não sabemos o que fazer com as nossas asas.

Pat – Isso é lindo o que diz.

Dom – Isso é poesia.

Pat – Poesia?

Dom – Outra coisa que eles tinham proibido.

Pat – Existem outras coisas?

Dom – Muito mais! Orgasmo, por exemplo. Também não sabe o que é?

Pat – Eu disse-te, sou casada...

Dom – Mostrar-vos-ei mais tarde, em privado... vereis. O orgasmo é para o amor o que o riso é para a inteligência, ou o espirro para a constipação. Não cura nada, mas na altura alivia.

Kim está a voltar a si.

Pat – Bem, parece que afinal não está bem morta.

Max – Também não era suposto ela acreditar nisso.

Kim – O que me aconteceu?

Pat – Foi vítima de um ataque de riso. Não se preocupe, vai ficar bem, agora.

Max – E quanto ao público? Tínhamo-nos esquecido deles.

Dom – Agora mais uma vez temos o direito de os fazer rir com impunidade...

Max – Está bem, chefe?

Kim – Afinal de contas, estamos num teatro.

Dom – Então teremos de inventar algumas novas histórias engraçadas.

Kim – Sim, porque esta história de pessoas loucas a olhar para o espelho, ainda não percebi...

Dom – É na realidade uma história simbólica.

Kim – Simbólico? O que é isso?

Dom – O humor é um espelho. É o espelho que os actores mostram ao público para que possa rir-se de si mesmo.

Pat – E todos nós nos podemos reconhecer neste espelho.

Dom – Todos. Excepto para os loucos, que preferem partir o espelho para não verem cara de luto que lhes devolve.

Max – Então riem-se!

Dom – É a nossa liberdade, e para citar um humorista do século passado: a liberdade só se esgota se não a usarmos.

Pat – Vamos rir juntos, mas vamos rir de tudo?

Max – Porque se hoje não se pode rir de tudo, amanhã não se poderá rir em absoluto.

Max agarra o sinal de não rir e enfia-o na cabeça de Kim. Todos explodem com risos altos, que podem ser amplificados com risos pré-gravados.

Escuro.

Fim

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocópia deste arquivo.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Uma herança pesada
Um caixão para dois
Um pequeno homicídio sem consequência

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Paris – Abril 2022
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-619-4

Documento para download gratuito